

# Uma guerra incompleta para os neoconservadores

## Investigador

Lusa

16 Jan, 2016, 09:08 | Mundo (<http://www.rtp.pt/noticias/mundo>)

A primeira Guerra do Golfo (1991) foi vista pelos setores mais conservadores como uma guerra incompleta que a segunda (2003) acabou por concluir, considera o investigador Pires de Lima.

### TÓPICOS:

A operação "Tempestade do Deserto", lançada pelos Estados Unidos para expulsar as tropas iraquianas que tinham invadido o Kuwait cinco meses antes, foi vista por George Bush pai em "nunca deixar que o carril da ONU se desviasse para a direita americana".

"A resolução do Conselho de Segurança de novembro de 1990 que exigia a retirada das tropas do Kuwait, pelo que o início da operação liderada por George Bush pai teve um quadro legal como gerou uma ampla coligação de vontades, foi diferente da de Bush filho a centralidade da ONU em que se refletiu", explicou Pires de Lima à agência Lusa.

Esse "respeito pela ONU como pivot da nova ordem mundial" foi o que decidiu não entrar em Bagdad e não derrubar Saddam Hussein. "Os neoconservadores norte-americanos, incapazes de aceitar a ideia de que a mais poderosa da História tenha a hipótese de derrubar o seu próprio líder", "Tanto poder para quê?", questionavam.

"É isto que os neoconservadores criticam e em que mais se refletiu em 2003: um momento (pós-11 Setembro), uma concentração de forças, um caso por concluir (Iraq de Saddam)", acrescenta.

"Neste sentido, pode falar-se num elo de ligação entre a guerra em 2003 foi absolutamente desastroso e contribuiu para a criação do Estado Islâmico, e da sua cisão iraquiana chamada hoje ISIS, há uma ligação com a insegurança atual no Iraque", disse.

Noutro plano, o investigador considera que essa guerra pelo petróleo teve um papel importante mas no caso dos Estados Unidos não apenas o posicionamento político de Washington no âmbito da energia.

"Os EUA tornaram-se no último par de anos no maior pr também no petróleo, alterando os termos da centralidad sentido, a maldição do Iraque foi o alerta para os EUA s mais prudentes nos assuntos do Médio Oriente", explico

Exemplo disso, prosseguiu, é a forma como Washington à emergência do estatuto de potência regional decisiva (

"Vivemos um tempo de transição e transformação na ge Unidos no Médio Oriente", concluiu.

MDR // PJA